

# **CORPO MATERNO E RESISTÊNCIA EM *BUTTERFLY BURNING*, DE YVONNE VERA**

## **MATERNAL BODY AND RESISTANCE IN *BUTTERFLY BURNING* BY YVONNE VERA**

### **Resumo**

O presente artigo objetiva analisar a representação da personagem Phephelaphi, do romance *Butterfly Burning*, da escritora zimbabuense Yvonne Vera (1965-2005), sob a ótica das perspectivas teóricas feministas da maternidade e do corpo feminino. Para tanto, alinho o debate dos feminismos ocidental e fora do ocidente para ampliar as discussões sobre o corpo subalterno (Spivak, 1988) que, no caso específico da obra em questão, entra em um embate direto com o patriarcado e o sistema gendrado excludente do Zimbábue. Nosso principal argumento é o de que, ao representar suas personagens femininas como mulheres que se negam ao apagamento e às expectativas culturais imposta pelo meio que as circunda, Yvonne Vera problematiza a percepção monolítica da maternidade como único destino desejado pelas mulheres no contexto africano, ao construir personagens cuja visão, contrária à norma social de abnegação e felicidade plena, representa uma tentativa de dar-lhes voz e agência.

**Palavras-chave:** Maternidade. Corpo feminino. Feminismos africanos. Estudos culturais. Agência. Resistência.

### **Abstract**

The present article aims at analysing the representation of the character Phephelaphi, from the novel *Butterfly Burning*, by Zimbabwean writer Yvonne Vera (1965-2005), under the light of the feminist theoretical perspectives about the female body and motherhood. In order to do so, the debate between Western and African feminisms will be aligned so as to amplify the discussions about the subaltern body, (a term derived from Spivak, 1985) which, in the aforementioned work, clashes against the patriarchal and the excluding gendred system of Zimbabwe. Our main argument is that, by representing female characters as women who refuse the effacing and the cultural expectations imposed by the context in which they are inserted, Yvonne Vera problematizes the monolithic perception of motherhood as the only possible fate women in the African context aspire to, when she builds characters whose view, contrary to the social norm of total abnegation and happiness, represents an attempt to give them voice and agency.

**Keywords:** Motherhood. Female body. African feminisms. Cultural studies. Agency. Resistance.

## Introdução

Yvonne Vera, autora zimbabuense, viveu entre o seu país natal e o Canadá, para onde migrou em 1995, casou-se com John José, obtendo títulos de graduação e pós-graduação na York University, em Toronto. Foi também em solo canadense que a autora publicou suas primeiras obras, que seriam, anos mais tarde, aclamadas na Europa e agraciadas com o *Zimbabwe Publisher's Literary Award* (1994, 1995, 1997, 1999) e o *Commonwealth Writer's Prize*, além do *Voice of Africa Award* (1999). A *oeuvre* da autora inclui uma coletânea de contos, *Why don't you carve other animals* (1992), e cinco romances, todos ambientados em seu país de origem, e debatendo questões centrais para as mulheres de seu continente - os conflitos civis que marcaram o Zimbabue na luta pela independência da Grã-Bretanha<sup>1</sup>, as questões de emancipação das mulheres sob o domínio patriarcal, a pobreza, a invisibilidade e a exclusão social sofrida pelas mesmas, exclusão que permanece inclusive até os dias atuais. Recentemente, uma intervenção militar foi responsável pela renúncia do presidente zimbabuense, Robert Mugabe, ditador que governou o país com punhos de aço por trinta e sete anos e chefiou massacres contra civis, causando grande sofrimento social e caos econômico ao país.

Os romances de Yvonne Vera retratam questões intimamente relacionadas à violência contra os corpos das mulheres - *Under the Tongue* (1996) fala de uma relação incestuosa entre um ex-combatente marcado pelo trauma da guerra civil e sua filha; já *Without a name* (1994) tematiza o estupro de uma jovem por um soldado da guerrilha nacional<sup>2</sup>, como também um infanticídio. O enredo de *The Stone Virgins* (2002), por sua vez, inclui tanto a violência contra a população civil do Zimbabue no massacre que ficou conhecido como *Gukurahundi*, como também o feminicídio de uma das irmãs gêmeas que protagonizam a obra. Trazendo à baila os problemas que afetam diretamente as mulheres em uma imbricada rede de exclusão social, discriminação, duplo padrão de

1 O Zimbabue já se chamou Rodésia, e foi colônia britânica de 1896 até 1980.

2 Como tantos outros países do continente africano, o Zimbabue viveu um período de guerras civis, marcado pelo genocídio étnico e pelas atrocidades a civis- mulheres e crianças- até a conquista de sua independência, em 1980.

moralidade e extrema violência, a ficção veriana revela os problemas do colonialismo e denuncia, de forma direta e sem cortes, as consequências deste para a invisibilização das mulheres.

## Feminismos, maternidade e o corpo feminino

Para a teoria feminista, a maternidade e o corpo feminino aparecem como temas complexos, sempre repletos de controvérsias. Como o próprio feminismo é plural, também não há exatamente um consenso a respeito do papel que a maternidade ocuparia no movimento, pois ela é vista de modo oscilante, ora como empoderadora (feminismo africano), ora restritiva (feminismo ocidental). O próprio termo *feminismo* é combatido pelas críticas africanas, simplesmente por não ter sido uma posição ideológica desconhecida das mulheres desse continente. Amina Mama (2003) afirma que é mais salutar debater sobre a existência de feminismos (no plural) na África, ao invés de apenas um feminismo africano. Mama argumenta que “devido ao fato de existirem tantas nações e nacionalidades no continente africano, ‘o feminismo na África é inerentemente transnacional’<sup>3</sup>. Tal visão é compartilhada por Obioma Nnaemeka (1995, 1997, 1998) e Oyeronke Oyewumi (1999, 2003), teóricas nigerianas que sustentam que o colonialismo acentuou as diferenças de gênero existentes no contexto africano, reconhecidamente patriarcal, mas que admitia certa flexibilidade no desempenho de papéis, uma vez que às mulheres sempre coube o exercício de funções produtivas fora do eixo doméstico.

Há, ainda, outras dissensões entre os feminismos africano e ocidental no que tange a algumas questões referentes ao corpo feminino - como a prática da clitoridectomia, por exemplo, comum em alguns países africanos e geralmente vista pelo ocidente como bárbara e retrógrada (NNAEMEKA, 2005). Como o próprio Lunga (2012) adverte, uma outra área de divergência entre as duas vertentes do feminismo é a orientação sexual e o lesbianismo, por exemplo. Catherine Acholonu (1995) discorda da associação do feminismo negro norte-americano ao lesbianismo, acreditando que os itens

3 Citação original: “Because there are so many nations and nationalities on the African continent, ‘feminism in Africa’ is inherently transnational.”

vitais que formaram a base do movimento feminista são a maternidade, o cuidado com os filhos, a natureza e a igualdade de oportunidades. Acholonu advoga a favor de um ‘*motherism*’<sup>4</sup>, ou seja, um entendimento de que a maternidade é a mola mestra e indissociável da identidade da mulher africana, e que pode, sim, empoderar mulheres enquanto possibilitar redes de apoio e solidariedade entre elas. Sobre a imbricação entre maternidade e identidade cultural africana, Oyewumi (1999:13) reforça que:

Não importa se uma sociedade africana específica demonstra um sistema de filiação patri ou matrilinear, as mães são o sustentáculo essencial dos relacionamentos sociais, das identidades e certamente da sociedade. Devido ao fato de as mães simbolizarem laços familiares, amor e lealdade incondicionais, a maternidade é invocada até mesmo em situações extrafamiliares que exigem aqueles valores.<sup>5</sup>

Dessa feita, não se pode, assim, dissociar a literatura africana dessa força motriz que é a maternidade enquanto temática, motivo pelo qual se justifica a escolha do corpus do presente artigo, dado o tratamento transgressor do tema pela romancista Yvonne Vera na obra em tela. Um dos interesses de Vera é o de explorar “como as mulheres se sentem em busca do próprio desejo de compreender seus próprios corpos” (HUNTER, 1998: 80). Em muitos dos seus romances, as personagens femininas parecem querer trazer à tona seus verdadeiros sentimentos sobre a maternidade, quando esta é uma imposição cultural, e não uma escolha.

Um outro aspecto de discordância entre os feminismos ocidental e africano é que, enquanto o primeiro usualmente percebe a prostituição como ferramenta de empoderamento e independência financeira, uma vez que o uso do corpo, nesse caso, contribui para o ganho financeiro

4 Acholonu cunhou o termo ‘*motherism*’ em 1995, como uma alternativa afrocêntrica ao feminismo. Outras escritoras como a nigeriana Buchi Emecheta não admitem ser rotuladas de feministas, devido ao fato de esta ser uma categoria *westocentric*, ou seja, centrada no Ocidente. Emecheta aceita uma pequena aproximação com tal movimento, dizendo-se feminista com ‘f minúsculo’.

5 Citação original: “Regardless of whether a particular African society displays a patrilinear or matrilinear kinship system, mothers are the essential building block of social relationships, identities and indeed society. Because mothers symbolize familial ties, unconditional love and loyalty, motherhood is invoked even in extrafamilial situations that calls (sic) upon those values”.

da mulher, lhe permitindo um certo grau de independência, o feminismo africano, via de regra, não vê com bons olhos a prostituição, e mulheres de ‘vida fácil’ são, muitas vezes, ‘senhoras do dinheiro’ ou ‘*cash madams*’, cuja atividade financeira é vista como incompatível com a moralidade (Ekpa, 2003: 35), de acordo com as normas culturais e religiosas vigentes. O direito ao aborto constitui um outro ponto de embate entre as mulheres desses dois espaços. Enquanto o feminismo ocidental tende a defender o aborto como um direito inalienável e intrínseco à mulher, em outros lugares do mundo como o próprio Brasil, inclusive, o Estado ainda regula e legisla contra as mulheres que querem abortar, até mesmo em casos de estupro. No caso específico do Zimbábue, o aborto é medida tomada apenas em caso de risco à vida da mãe<sup>6</sup>. Vale ainda salientar a prevalência e o alto índice de mortalidade de mulheres vítimas da AIDS no continente africano, devido a inúmeros fatores, dentre os quais a desigualdade socioeconômica, a vulnerabilidade social das trabalhadoras do sexo, a falta de acesso a programas de assistência da saúde reprodutiva da mulher, assim como a ausência de informação sobre doenças sexualmente transmissíveis e planejamento familiar<sup>7</sup>.

Assim, é fácil verificar que a obra de Vera vai problematizar, de modo interseccional, questões relativas ao corpo negro feminino, especialmente como resultante da maternidade imposta, detalhando, através da representação de suas personagens femininas, as consequências da violência colonial, institucional e cultural sobre os corpos das mulheres, assim como a opressão da conjuntura socioeconômica adversa por elas enfrentada no continente africano. Assim, a produção ficcional da autora traz ao centro do debate temas tabus como estupro, incesto, prostituição, infanticídio e aborto, inclusive, esses dois últimos como atitude de transgressão e rejeição à imposição masculina sobre a vontade individual da mulher. No caso do romance

6 Informação obtida no site <https://www.guttmacher.org/fact-sheet/facts-abortion-africa>. Acesso em 13 de novembro de 2017. Segundo a fonte, 16.000 mulheres do continente perderam a vida no ano de 2014 devido a abortos clandestinos, e muitas africanas, embora tenham sobrevivido, sofrem consequências da prática abortiva não-sancionada ao longo de suas vidas.

7 Na África as mulheres costumam contrair o vírus da AIDS cinco a sete anos mais cedo do que seus contrapartes masculinos, de acordo com informações obtidas no site: <https://www.avert.org/professionals/hiv-social-issues/key-affected-populations/women>.

*Butterfly Burning*, foco de nossa análise, a protagonista Phephelaphi, rejeitada pela mãe prostituta, sofre profundo trauma ao testemunhar o assassinato de sua mãe adotiva por um policial, quando ainda criança. Anos mais tarde, mais um duro golpe do destino a espera, ao se descobrir grávida e encarar a impossibilidade de prosseguir com seu sonho profissional por tanto tempo acalentado - ser a primeira enfermeira negra do distrito de Makokoba, onde reside. A próxima seção terá como objetivo a análise de passagens do romance foco desse estudo, elencando as relações entre classe, raça e gênero dentro de um contexto colonial e cultural específico do Zimbábue.

### Maternidade e resistência em *Butterfly Burning*

O artigo de Gayatri Spivak (1988) sobre o subalterno parte do pressuposto de que os oprimidos, ou seja, os indivíduos mais marginalizados socialmente - trabalhadores rurais, operários, negros, não-ocidentais, mulheres - ou seja, as categorias usualmente excluídas das esferas do poder, não teriam voz exatamente pela situação desprivilegiada em que se encontram. Necessário seria evidenciar que entendemos o termo 'subalterno' como algo flexível, que admite possibilidades de entrecruzamento - as mulheres, por exemplo, sofreriam diferentes instâncias de opressão, a depender de sua raça, classe, casta e país de origem. Loomba (2005) sustenta que o simples fato do colonialismo ter existido, no caso de muitos países africanos, e se entrecruzado com o patriarcado, ocasionou situação de duplo subjugo para as mulheres nesses locais, pois sobre elas recai, em sua grande maioria, a opressão do casamento, a obrigatoriedade dos trabalhos domésticos e a pouca ou nenhuma independência financeira fora do âmbito do privado. O que Spivak conclui, ao final do seu ensaio, é que exatamente devido ao fato do subalterno não poder falar por si, intelectuais pós-coloniais devem se engajar em um movimento aceitação de sua posição epistêmica vantajosa, questionando-se enquanto instância mediadora entre aquele que deseja ter sua própria voz ouvida e a mensagem que o mesmo enseja falar, a fim de evitar falar em nome do subalterno. Argumento que o romance de Vera reconfigura o poder e recupera a voz de a agência da mulher através da representação de suas personagens, no caso específico das prostitutas Zandile e Gertrude, uma vez que, mesmo estando em situação

desfavorável do ponto de vista do gênero, da raça e da classe, funcionam como agentes de mudança e tentam resgatar sua autonomia, resistindo, de variadas formas, ora ao patriarcado, ora às forças coloniais. Em se tratando da protagonista Phephelaphi, verificaremos que sua situação de subalternidade se acentua quando essa se descobre grávida, o que a leva a uma decisão extrema, ou seja, o aborto autoimputado. O fator complicador para a referida personagem não é apenas a decisão solitária de matar o filho ainda em seu ventre, com a ajuda de um espinho, nem o silêncio contido sobre o ato, mas a descoberta do caso amoroso do companheiro, Fumbatha, meses depois do aborto.

Ambientado no Zimbábue na década de quarenta do século passado, quando o país ainda se chamava Rodésia e estava sob o jugo das forças coloniais britânicas, *Butterfly Burning* retrata, entre tantas outras questões, a política do apartheid entre brancos e negros vigente na cidade de Bulawayo. O racismo opera em diversos níveis no romance - na forma marginal com que os negros são forçados ao trabalho braçal e a viver em casas de apenas um cômodo e teto de zinco, enquanto os colonizadores brancos ostentam uma vida de luxo em palacetes copiados da metrópole e construídos pelos negros colonizados. É também visível o preconceito racial na circulação restrita dos negros nas calçadas, exclusivas dos brancos, como também nos transportes públicos. Acerca do romance, Lunga (2010:129) comenta que:

As placas de PROIBIDO NEGROS e APENAS BRANCOS, espalhadas ao redor de toda a cidade de Bulawayo, significam que a pigmentação da pele de uma pessoa determina onde ela pode ou não ir. Mesmo que sejam os negros que limpem a cidade, eles não estão autorizados a caminhar nas calçadas<sup>8</sup>

A obra em questão também debate temas relativos à opressão por parte de homens negros (Fumbatha) sobre mulheres negras (Phephelaphi), especialmente no tocante ao lugar esperado da mulher em uma união estável e à maternidade como algo sacrossanto e esperado por todas.

<sup>8</sup> Do original: "The 'NO BLACKS' and 'WHITES ONLY' signs, festooned all over the city of Bulawayo, mean that one's skin pigmentation determines where one may or may not go. Even if the Black people are the ones who clean the city, they are not allowed to walk on the pavements."

Os parágrafos seguintes explicitarão melhor essas duas questões.

Traçando a genealogia da protagonista Phephelaphi, vemos que sua infância foi entrecruzada pelo destino de três mulheres: Zandile, Getrude/Emelda e Deliwe. Zandile, mãe biológica de Phephelaphi, é descrita na obra como alguém “que não faz qualquer distinção entre homens brancos e negros quando se trata de prazer e troca financeira (...), consegue enroscar suas pernas ao redor do corpo de um homem branco (...) e, ao amanhecer, acorda nos braços do homem negro que verdadeiramente ama.” (VERA, 1998: 33). A mesma personagem cogitou matar a filha no momento do nascimento, pois considerava a maternidade um impedimento para sua vida como profissional do sexo. No momento em que a filha nasce, o narrador mergulha no pensamento de Zandile, sendo possível, para o leitor, perceber seu sentimento de absoluta rejeição à menina:

Zandile não queria nem esta filha que se recusou a nascer nem a magnífica e corajosa cicatriz que estragava o clima de todo encontro amoroso com cada homem depois disso. Um filho era uma agonia, então, sem absolutamente nenhum homem para escolher e com quem dividir o fardo. [...] Ela precisava de leveza. Isto é o que a cidade oferecia, não o fardo de se tornar uma mãe. Aquilo era um erro, e ela o trataria exatamente como isso: uma perturbação (VERA, 1998: 143-144, grifo nosso).

Percebendo a incompatibilidade entre a maternidade e a ocupação de prostituta, Zandile solicita à amiga Getrude/Emelda<sup>9</sup> que adote a menina Phephelaphi<sup>10</sup>. Esta será, desde cedo, tratada como filha, e levada, atada às costas (como é comum em muitas culturas africanas) aos encontros noturnos fortuitos de sua mãe adotiva com os seus ‘clientes’, o que demonstra sua capacidade (diferentemente da mãe biológica Zandile) de conciliar a prostituição com os cuidados maternos. No entanto, o colapso emocional da protagonista vai ser engatilhado em dois momentos. O primeiro, quando testemunha o

9 Getrude tinha uma outra identidade enquanto prostituta, atendendo pelo *nom de guerre* Emelda.

10 Importante perceber o significado do nome Phephelaphi: ‘procurar abrigo’, o que nos remete para a busca incessante da protagonista por um lugar para morar, e também para se encaixar no meio social onde vive.

femicídio de Getrude, crime ocorrido à porta de casa, por um policial branco enciumado. A órfã, então, vai ser trazida aos cuidados de Zandile, que acredita ser amiga da mãe morta, mas que o enredo revelará ser sua verdadeira genitora. Zandile vai perceber Phephelaphi novamente como um estorvo, uma vez que teria que renunciar seus momentos de intimidade com o companheiro Boyidi por compartilhar com ele um tipo de moradia precária, de teto de zinco e apenas um cômodo. O que era um relacionamento íntimo e pessoal para o casal passa a ser partilhado, a partir de agora, também com a recém-chegada hóspede. O segundo gatilho emocional será comentado em breve, pois corresponde à vida conjugal conflituosa de Phephelaphi, que ocorrerá mais tarde na narrativa.

A terceira figura feminina com quem a protagonista do romance se relacionará também foge aos padrões estereotipados de mulher submissa. Descrita como alguém que tem escorpiões nos olhos, Deliwe é uma mulher destemida, capaz de desafiar a autoridade policial, quando submetida a situação de controle e vigilância policial, como bem comenta a voz narrativa:

Deliwe uma vez fora presa por uma noite inteira em uma cela por venda de álcool, ainda por cima, em uma residência. Ela atirou a cabeça para trás e gargalhou como uma louca quando lhe disseram que este abrigo em forma de quadrado, com teto caindo, com paredes frágeis e sem cor, e sem um lugar para se fazer amor com um homem, era uma casa. Foi então que o policial deu-lhe um tapa. Depois disso, Deliwe sempre virava o ouvido esquerdo para ouvir o que você tinha a dizer. Ela nunca explicou que a surdez no seu ouvido direito foi causada pela surra que recebeu durante sua detenção. Ela continuou a fazer sua bebida e vendê-la (VERA, 1998: 60).<sup>11</sup>

Phephelaphi sente uma atração inexplicável pela autonomia e aparente loucura de Deliwe, e se deleita em acompanhá-la, mesmo à distância, em suas andanças

11 Citação original: “Deliwe had once been locked up for a whole night in a police cell for selling alcohol and moreover in a dwelling. She threw her head back and laughed like a madwoman when she was told that this square shelter with its falling roof, its colorless weak walls, and nowhere to make love to a man, was a house. That was when the policeman slapped her. Afterward, Deliwe always turned her left ear to hear what you had to say. She never explained that the deafness in her right ear was caused by the beating she received during her detention. She continued to make her own liquor and sell it”.

pelas ruas de Makokoba. O narrador investe no fascínio inexplicável que a primeira exerce sobre a segunda, e vemos que Phephelaphi:

Sentia que o sol nascia e se punha com Deliwe. Ela admirava cada palavra que saía de sua boca. Queria pegar a palavra e colocá-la em sua própria boca. Tão enfeitiçada estava Phephelaphi” que a “seguia o caminho inteiro até sua casa como um animal faminto” (VERA, 1998: 62)<sup>12</sup>.

E é exatamente tal deslumbramento exercido por Deliwe que impulsionará Phephelaphi a desenvolver uma relação de amizade e troca de confidências entre ambas, deixando-a confortável o suficiente para com ela partilhar o seu segredo mais íntimo - que cometera um aborto autoimputado sem sequer revelar a gravidez ao companheiro Fumbatha. Esperar um filho, assim, representa uma abjeção para a protagonista; o corpo expectante se torna algo indesejado, como o fora para sua mãe biológica, uma vez que é impeditivo e destrói a realização de seu sonho de realizar-se profissionalmente. Há que se ter em mente que Phephelaphi não apenas é alguém que tem uma carreira qualquer, mas como uma mulher potencialmente capaz de alcançar um feito histórico, tornando-se a primeira enfermeira negra do hospital distrital. A saída possível que enxerga é manter a carta de aceite do hospital e o fato de ter cometido aborto apenas para si, a fim de garantir a sequência e execução de seus planos profissionais. A consequência do distanciamento entre ela e Fumbatha abre portas para que ele inicie um caso amoroso com Deliwe. Destruída emocionalmente pela confirmação do *affair* entre os dois, e mais ainda por estar grávida uma segunda vez, Phephelaphi atea fogo ao próprio corpo, na presença do companheiro que assiste, estupefato, ao último voo da borboleta em chamas:

O corpo dela está ensoado em um leve líquido. Ela espera. Por consolação, por uma oportunidade tão imediata quanto a sabedoria. Pelo tempo conceder alívio. O corpo inteiro dela curvava para baixo. Ela espera, pronta para ser ferida, para ser libertada. Ela procura se render, uma morte é tão íntima quanto o nascimento. [...] Agonia da imobilidade. O

12 Citação original: “[...] felt that the sun rose and set with Deliwe. She admired every word which fell out of her mouth. She wanted to pick up the work and put it in her own mouth. So dearly was Phephelaphi charmed [...] she followed her all the way to her house like a starved animal”.

corpo dela com odor de líquido inflamável. O fogo se movimentava sobre ela leve como uma pluma, macio como óleo. Ela tem asas. Ela pode voar. Ela gira seus braços e os vê incendiar e os levanta mais alto acima da cabeça, chacoalhando os braços para cima como uma corda queimando. Ela é um pássaro com asas abertas. Ela cai dentro de um belo ruído, de algo sem peso, subindo, uma luz azul, uma luz amarela, o cheiro de carne queimando (VERA, 1998: 149-50, grifo nosso).

## Conclusão

O romance *Butterfly Burning* problematiza a perspectiva monolítica da mãe africana, usualmente descrita como abnegada e plenamente satisfeita no exercício da maternidade e no desempenho do único papel cultural por ela esperado naquele contexto específico onde se encontra inserida. Dando continuidade à linhagem de mães insatisfeitas com a maternidade como imposição patriarcal, e não como escolha, a protagonista Phephelaphi reflete sobre sua suposta posição de subalterna, recusando-se a ocupar apenas os limites que restringem sua atuação à esfera do doméstico. Ao se descobrir grávida pela primeira vez, a referida personagem atua de forma independente, como sua mãe biológica outrora o fez - não apenas esconde a realidade do companheiro Fumbatha, como toma a decisão de se autoimputar o aborto. Em um segundo momento, Phephelaphi descobre o caso amoroso do companheiro com sua amiga Deliwe, causando-lhe, além da decepção, um desejo de externar seu descontentamento. Usando o silêncio como arma, planeja meticulosamente o seu suicídio, ateando fogo ao corpo grávido, coberto de parafina, em frente ao companheiro, atônito, que vê Phephelaphi se consumir em chamas, um corpo agora livre das amarras da maternidade.

Assim, Yvonne Vera comprova não coadunar com a crença na maternidade abnegada ou com a subalternidade da mulher africana, construindo personagens - sejam elas centrais ou periféricas - que desafiam, de todas as formas possíveis, as autoridades policial, colonial e patriarcal. O gesto de atear fogo ao próprio corpo, grávido, e se deixar queimar, paulatinamente, em frente ao companheiro Fumbatha, revela um desejo explícito por parte de Phephelaphi de recuperar sua agência e rejeitar a maternidade imposta, uma vez que significa abdicar de

toda e qualquer possibilidade de crescimento individual, profissional e da tão sonhada mobilidade social.

Em fala sobre a questão da agência e vitimização tão presente na escrita de mulheres na e sobre a África, Obioma Nnaemeka traz a seguinte reflexão: “O que importa não é se tais agentes sobrevivem à sua insurgência ou são esmagados por causa dela, o que é crucial é o fato de que elas escolhem agir” (NNAEMEKA, 1997:4). Phephelaphi, portanto, encontra uma saída para o confinamento sofrido pelo seu corpo através da gravidez, quando age, autonomamente, contra a submissão, se utilizando do mesmo corpo como arma contra o silenciamento e apagamento cultural a ela impostos.

## Referências

- ACHOLONU, Catherine. (1995). *Motherism: the Afrocentric alternative to feminism*. Nigeria: Afa Publicatons.
- EMECHETA, Buchi.(1988) “Feminism with a Small F!.” *Criticism and Ideology: Second African Writers’ Conference*, Stockholm 1986, ed. Kirsten Holst Petersen. Uppsala: Scandinavian Institute of African Studies. 173-81.
- EMENYONU, Ernest. (2000). *Goatskin bags and wisdom: new critical perspectives on African literature*. New Jersey: Africa World Press.
- HUNTER, Eva. (1998). “Shaping the truth of the struggle: an interview with Yvonne Vera”. *Current writing*. 10 (1).
- JAYAWARDENA, Kumari. (1986). *Feminism and Nationalism in the Third World*. London: Third World Books.
- LOOMBA, Ania. (2005). *Colonialism/ postcolonialism*. 2. ed. London: Routledge.
- LUNGA, Majahana John. (2010). *An exploration of African feminism: a postcolonial reading of Yvonne Vera’s writings*. Saarbrücken: LAP Lambert.
- MAMA, Amina. (2003). “Restore, reform but do not transform: the gender politics of higher education in Africa”. *JHEA/ RESA*. Vol. 1, No. 1, Nov. 101-125.
- NNAEMEKA, Obioma. (1995). “Feminisms, rebellious women and cultural boundaries. Re-reading Flora Nwapa and her compatriots”. *Research in African Literatures*, 26, 2, 80-113.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Politics of (M)Othering: womanhood, resistance in African literature*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_.(ed.), (1998). *Sisterhood: feminisms and power: from Africa to diaspora*. Trenton: Africa World Press.
- OYEWUMI, Oyeronké. (1998). “De-confounding gender: feminist theorizing and Western culture: a comment on Hawkesworth’s “Confounding gender”. *Signs*, Vol. 23, No. 4, Summer, 1049-1062.
- \_\_\_\_\_. (1999a). “Abiyamo: theorizing African motherhood”. *Jenda, a Journal of Culture and African Women Studies*, Issue 4, 111-18.
- \_\_\_\_\_. (1999b). “Multiculturalism or multibodism: on the impossible intersections of race and gender in American white feminist and black nationalist discourses”. *The Western Journal of Black Studies*, Vol. 23, No. 3, 82-89.
- \_\_\_\_\_. (2003). *African Women and Feminism: Reflecting on the Politics of Sisterhood*. Trenton: Africa World Press, 3-21.
- \_\_\_\_\_. (2005). “Visualizing the body: Western theories and African subjects”. In: Oyewumi, Oyeronke (ed.) *African gender studies: a reader*. London: Palgrave Macmillan.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (1988). *Can the subaltern speak?* Disponível em: [http://www.mcgill.ca/files/crclaw-discourse/Can\\_the\\_subaltern\\_speak.pdf](http://www.mcgill.ca/files/crclaw-discourse/Can_the_subaltern_speak.pdf). > Acesso em: 23 ago. 2014.
- VERA, Yvonne. (1998). *Butterfly Burning*. New York: Farrar, Straus and Giroux.

Data de recebimento: 01/12/2017.

Data de aceitação: 20/12/2017.